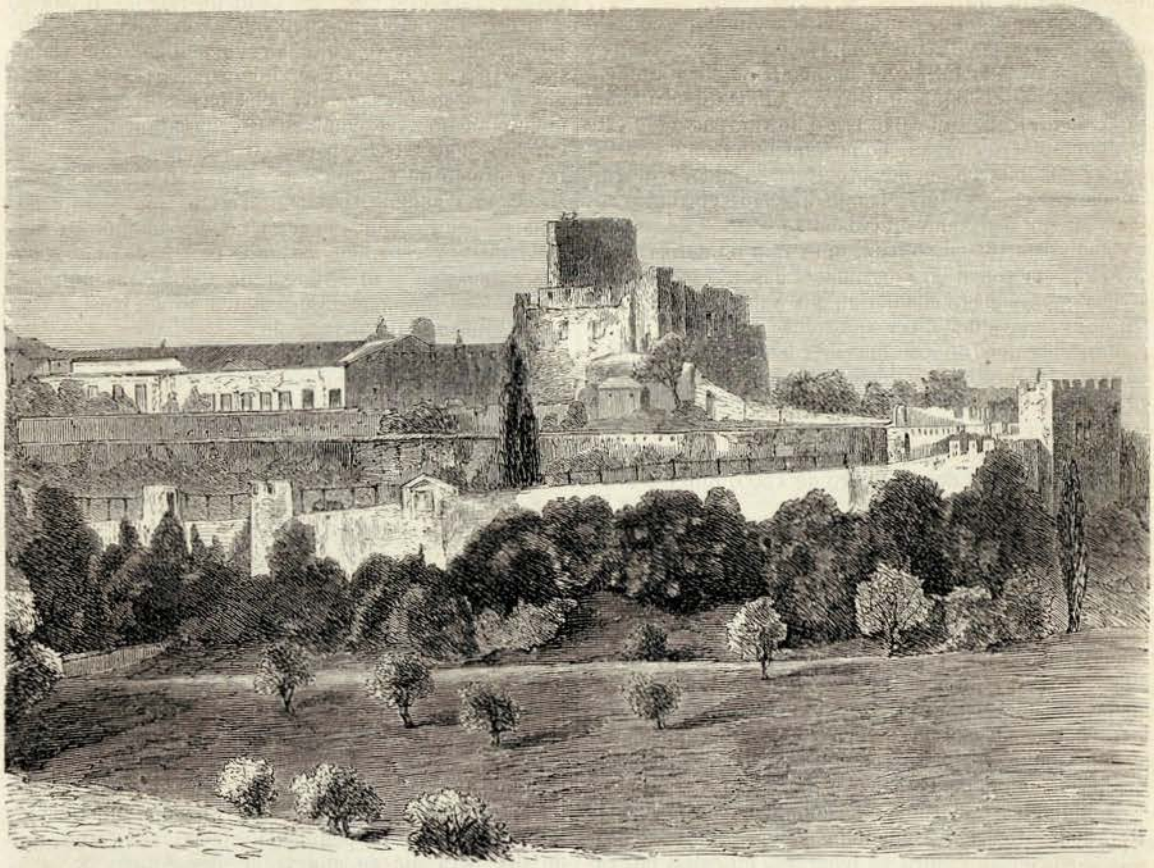


Castello dos templarios e paços do infante D. Henrique, hoje chamados da rainha D. Catharina, em Thomar

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 158)

VI

FUNDAÇÃO DO CASTELLO DE THOMAR

Voltando ao ponto de que nos afastou a historia e descripção da egreja de Santa Maria do Olival, achâmos a D. Gualdim Paes occupado a procurar logar apropriado para a fundação de um castello. Offereceu-lh'o, tal qual o podia desejar, um monte que se ergue na margem direita do Nabão, com duas vertentes ingremes, e alcantilado e cortado quasi a prumo para o lado de uma extensa planicie, á qual fica sobranceiro.

Agradado do sitio pela fortaleza natural d'elle, pela fertilidade dos terrenos circumvisinhos, e por não ficar muito distante da egreja de Santa Maria do Olival, que se lhe levanta defronte e á vista na margem esquerda do rio, o mestre dos templarios deu alli principio com toda a actividade á construcção do castello.

Apesar da ignorancia e barbaridade dos tempos, lembraram-se de commemorar não só o anno mas até o dia em que teve começo esta obra, circunstancia que muitas vezes deixou de ser attendida em fundações importantes, e em epochas que já se presumiam de civilisadas.

Em uma lapida que se acha embebida na parede da egreja, ao lado da porta principal e sobre o taboleiro das escadas, lê-se a seguinte inscripção em letras gothicas:

E. M. L$\overline{\text{X}}$.VIII: *Regnante: Alphonso*
Illustrissimo Rege Portugalis:
Magister Gualdinus: Portugalensium
Militum Templi: cum Fratribus suis
Primo die Martii: cepit: edificare
Hoc Castellum: Nomine Thomar; quod Prefatus
Rex obtulit Deo: et Militibus Templi.

Diz em vulgar: «No primeiro dia de março do anno 1198, reinando Affonso, illustrissimo rei de Portugal, Gualdim, mestre dos cavalleiros do Templo em Portugal, começou, juntamente com os seus freires, a edificar este castello, cujo nome é Thomar; o qual, estando acabado, el-rei o offereceu a Deus e aos cavalleiros do Templo.»

Fr. Bernardo da Costa, na sua *Historia da militar ordem de Nosso Senhor Jesus Christo*, impressa em 1771, toma a data da inscripção por 1168, e sobre esta base falsa assenta uma serie de considerações e juizos absolutamente errados. O travessão que se vê sobre a letra $\overline{\text{X}}$ da referida data, como aqui pômos, quer dizer que se deve contar o mesmo x como quarenta, e não pelo seu simples valor de dez. Assim fica sendo aquella data 1198, era de Cesar, então geralmente adoptada e seguida, a qual corresponde á de 1160 do nascimento de Christo.

Esta e outras abbreviaturas, usadas mais ou menos nas inscripções gothicas, dando occasião a interpretações erroneas, tem originado muitas contro-

versias, interminaveis por buscarem conjecturas para argumentos, quando bastaria uma palavra que, decifrando o enigma, esclarecesse a questão e acabasse com as disputas.

Ao mesmo tempo que iam crescendo as paredes do castello, fundava D. Gualdim Paes uma povoação por baixo da mesma fortaleza, na planicie que se estende entre a raiz do monte e o rio. A ambas deu o nome de *Thomar*, que até então era o do rio, passando este a denominar-se Nabão, nome que tinha antes da invasão dos moiros, e lhe provinha da cidade de Nabancia, que se erguia, como dissemos em outro logar, na sua margem esquerda. Os moiros, que, depois da conquista do nosso paiz, mudaram ou apropriaram á indole da sua lingua os nomes das terras, dos rios e das montanhas, chamaram ao Nabão *Thomar*, ou *Thamar*, que quer dizer agua doce e clara.

Passados dois annos concedeu o mestre do Templo foral, com muitos privilegios e isenções, á povoação que fundára, e que n'esse tempo contava bastantes casas e um bom nucleo de moradores. O foral, a que D. Gualdim Paes chama *carta de Firmidoem de direito*, tem a data de novembro de 1200, que é o anno de Christo de 1162.

A nova de tal regalia, a fama guerreira dos cavalleiros do Templo, e a sombra tutelar de tão forte castello, em breve attrahiram á nascente povoação muitas familias vindas de longes terras.

A ordem do Templo já então se achava poderosa pelas doações feitas pela rainha D. Theresa, e por seu filho, el-rei D. Affonso Henriques, e por nós mencionadas em logar proprio. Porém, depois que se installou no seu alcaçar de Thomar, engrandeceu-se mais e com maior rapidez, crescendo de dia para dia em senhorios, influencia, poder e gloria.

Aquelle triste e sabido accidente que sobreveiu a D. Affonso Henriques em uma das portas de Badajoz, quando pelejava contra os leonezes, foi causa dos rapidos progressos dos templarios durante este reinado. Aquelle soberano, vendo-se impossibilitado de proseguir na guerra contra os moiros, primeiramente por ter quebrado uma perna e ficado prisioneiro de seu genro, D. Fernando II, rei de Leão; e depois de recobrada a liberdade por causa do longo curativo a que teve de sujeitar-se, e que por fim lhe deixou a saude enfraquecida, encarregou os seus briosos templarios não só da guerra e defensa das fronteiras do sul do seu reino, mas tambem da continuação das suas emprezas guerreiras contra os infieis. Como recompensa, para mais lhes excitar o ardor, fez-lhes doação da terça parte das terras que conquistassem além do Tejo.

Taes estimulos para quem já os tinha tão fortes nas tradições gloriosas da ordem, nos preceitos da regra, nos seus habitos e idéas cavalleirosas, em fim, na sua propria e natural ambição de gloria, impelliram a D. Gualdim Paes e aos seus templarios de facção em facção, de batalha em batalha, com tamanho arrojo e valor, que em breves annos estava quasi todo o Alemtejo expurgado de sarracenos, e a cruz de Jesus Christo campeando triumphante sobre importantes praças pouco antes moiriscas.

D'est'arte dilatou a ordem do Templo as fronteiras da monarchia, adquirindo tambem para si novos e fortissimos castellos, e opulentando-se com a posse de immensos territorios e de mui ricos despojos, por trophéos de suas victorias.

No meio d'este brilhante periodo da sua existencia, foi a ordem do Templo sobresaltada por um grande perigo, que ameaçou sepultar em uma terrivel catastrophe todos os loiros por ella colhidos a troco do sangue de seus filhos.

O mallogro da expedição do imperador de Marrocos, Yusuf Abu Yacub, quando em 1184, transpondo o Mediterraneo com exercito numeroso e unido aos sarracenos da Hespanha, tentou amparar na peninsula o imperio mauritano, que se alluia e derrocava aos vigorosos impulsos do nosso primeiro rei; o vergonhoso destroço d'aquelle soberano diante dos muros de Santarem, onde foi vencido por um punhado de valentes, e o seu grande exercito disperso; a sua morte em Algesiras, occasionada pelas feridas recebidas n'aquelle memoravel combate (24 de julho de 1184); em fim, todas estas perdas e affrontas armaram de ira e desejo de vingança a Yusuf Abu Yacub, filho e successor d'aquelle soberano. Porém uma revolta nos seus proprios estados obstou ao cumprimento dos seus designios. A rebellião assumiu proporções tão grandes, ameaçando substituil-o no throno por um seu irmão, que foram precisos alguns annos para a vencer e suffocar completamente.

Em quanto estas coisas se passavam, o bravo successor de D. Affonso Henriques, el-rei D. Sancho I, levando as suas armas victoriosas ao coração do Algarve, ultimo refugio dos sarracenos n'esta parte da peninsula, assaltára e fizera render ao dominio da cruz Silves, a torreada e populosa capital do Algarve.

Esta victoria do rei portuguez, coincidindo com o vencimento da revolta em Marrocos, accendeu de novo e com mais força no peito do imperador musulmano o seu entranhado odio contra os christãos.

Yusuf Abu Yacub entregou-se então de corpo e alma aos preparativos da guerra com um ardor que parecia delirio. Era um esforço extremo e desesperado, não só para saciar no sangue dos campeões de Christo a vingança de tantos aggravos, mas tambem, e principalmente, para oppor um dique aos triumphos successivos das armas christãs; para levantar o espirito dos musulmanos do abatimento em que o lançaram tão continuadas desditas; para impedir, finalmente, que se apagasse na peninsula o facho do alcorão, que de dia para dia se amortecia, despedindo de si já frouxos raios.

Toca-se, pois, a rebate por todas as terras de Marrocos, prégando-se a guerra santa e chamando-se ás armas a mocidade. Partem emissarios para todas as cortes musulmanas da Hespanha, incitando-as a disporem-se para a lucta em defensa commum.

Congregaram-se, alfim, todos os elementos de destruição. O horisonte politico de Portugal carregou-se de negras nuvens; e o trovão, precursor da tempestade, ribombando ao longe, deu o «álerta» a todos os portuguezes.

A noticia da tremenda invasão, que estava prestes a romper as fronteiras do reino, foi correndo de boca em boca até chegar aos mais reconditos logares do paiz. El-rei D. Sancho I recolheu-se a Santarem com os guerreiros que lhe foi possivel reunir, julgando que o inimigo se dirigia d'esta vez, como da outra, com preferencia a esta forte praça de guerra. Os habitantes dos campos e das povoações indefensas, levando comsigo o mais precioso do seu movel, buscaram refugio nas fortalezas mais proximas. E os alcaides e senhores de castellos prepararam-se para uma resistencia a todo o transe.

O exercito marroquino, que passára o estreito na primavera do anno de 1190, engrossado na Andaluzia com as hostes vindas de Cordova, de Granada, de Sevilha e de outras cidades sarracenas, caminhando a marchas forçadas já no interior de Portugal, atravessou o Tejo em fins de junho, e, deixando Santarem na retaguarda, accommette e toma o castello de Torres Novas, e, sem perder tempo, apresenta-se de improviso diante do castello de Thomar.

Para que o precedesse o terror, Yacub levava adiante de si o facho da assolação. A sua passagem ficava assignalada por toda a parte com o incendio, o saque e o morticinio.

Os templarios, e quantos infelizes se acolheram á sua fortaleza, viram, com dor d'alma, de cima das ameias, o fogo reduzindo a povoação visinha a um montão de ruinas, e tornando em cinzas as searas, que já loirejavam em volta da casaria de Thomar.

Por seis dias successivos foi o castello combatido com repetidos assaltos, em que as hostes inimigas se renovavam de instante a instante, conservando, por conseguinte, sempre frescas as forças, e sempre vigoroso e encarniçado o accommettimento.

Parece incrivel como podiam resistir tão poucos defensores do castello contra tão numerosos inimigos. Mas tal era o valor dos templarios; taes a coragem e presteza com que corriam de um ponto a outro, onde o perigo mais urgia; tamanho o amor que os prendia á sua casa capitular; tão viva e arraigada em seus corações a fé no auxilio divino; que o seu esforço foi invencivel, logrando zombar de todo o poder do imperador de Marrocos e dos soberanos seus alliados.

A mesma lapida em que está a inscripção commemorativa da fundação do castello tem gravada por baixo a inscripção que commemora aquelle cêrco e gloriosa defensa. Diz assim, em letras gothicas, e no latim barbaro d'aquelles tempos:

Era MCCXXVIII: III *Nonas Julii*
Venit Rex de Marroquis ducens CCCC
Milia equitum et quingenta milia pe-
ditum: et obsedit castrum is-
tud per sex dies: et delevit
quantum extra murum in-
venit castellum: et prefatus magis-
ter cum fratribus suis liberavit
Deus de manibus suis: ipse Rex remea-
vit in patria sua cum innumera-
bili detrimento hominum et bestiarum.

Em portuguez quer dizer:

«Na era de 1228 (que é o anno 1190 da era de Christo), aos cinco de julho, veiu o rei de Marrocos, trazendo quatrocentos mil homens de cavallo e cincoenta mil de pé; poz cêrco a este castello por seis dias, destruindo quanto achou fóra dos muros do castello; e ao sobredito mestre (D. Gualdim Paes, referido na inscripção que está proxima d'esta) com os seus freires livrou Deus de cair nas suas mãos; e o mesmo rei voltou para a sua patria com extraordinario prejuizo de homens e cavallos.»

O numero de soldados que compunham o exercito de Yacub está extraordinariamente exaggerado n'esta inscripção, quer se tomem os CCCC *milia equitum et quingenta milia peditum* por quatrocentos mil cavalleiros e quinhentos mil infantes, como traduzem alguns dos nossos auctores, ou se reputem em quarenta mil de cavallo e cincoenta mil de pé, como entendem outros escriptores.

N'essas eras, em que tão mal se providenciava para a sustentação dos soldados nas suas marchas através de um paiz inimigo; eras em que, pelo grande atrazo da agricultura, e pelas guerras que traziam quasi sempre em lucta os differentes estados europeus, a maior parte das terras em cada paiz se achavam inteiramente incultas; em taes circunstancias, dizemos, não é crivel que um exercito que contasse quarenta mil homens de cavallaria e cincoenta mil de infanteria podesse caminhar com a rapidez com que as tropas do imperador de Marrocos transpozeram o estreito, e atravessaram toda a Andaluzia e Portugal até Torres Novas e Thomar, chegando a estes castellos em estado de poderem intentar, sem necessidade de descanço, um assalto immediato, vigoroso e repetido por seis dias successivos.

Todavia é innegavel, pelas razões que expendemos em outro logar d'este mesmo artigo, que o exercito que com Yacub se apresentou junto dos muros de Thomar era poderosissimo, sobre tudo em relação aos tempos.

Como se desfez esse poder, convertendo em uma retirada precipitada e desastrosa as arrogancias e projectos de vingança do invasor, sem tentar nova empreza depois do mau successo das armas musulmanas na expugnação do castello de Thomar, é assumpto em que os historiadores diversificam de opinião. Entretanto, a que parece mais plausivel é a que attribue aquella retirada, quasi fuga, ás febres endemicas, que no estio se costumam manifestar nos campos banhados pelo Tejo e pelo Nabão, febres que dizimaram as tropas sarracenas no seu trajecto e durante o cêrco dos dois mencionados castellos, e que, segundo parece, feriram mortalmente o proprio Yacub ao quinto ou sexto dia do assedio do castello de Thomar.

O que é fóra de dúvida é que o inimigo levantou o cêrco do castello no dia 11 de julho, retirando em direcção a Sevilha e Algesiras, e que o imperador de Marrocos morreu de doença antes de se embarcar para a Africa. E tambem não é menos certo que aquella terrivel invasão, que enluctou, logo no seu começo, os annaes da villa de Thomar, deu á historia do castello e da ordem do Templo em Portugal a sua pagina mais gloriosa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADOS SEJAM OS QUE PERDOAM

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

I

Em outubro de 1859 percorria as formosas aldeias que se erguem no valle do Ibaizabal, como para contemplar, com a innocente curiosidade aldeã, a nobre, linda e rica villa de Bilbáo, e as eternamente risonhas, verdes e animadas veigas de Abando e Deusto.

Não quero dizer onde se passou a maior parte do que vou contar. A dor, embora tenha por causa algum erro ou delicto, deve ser respeitada por todos, e principalmente pelos que se julgam apostolos da virtude e da justiça.

Surprehendêra-me a noite antes de chegar a Bilbáo, e vi-me precisado a descançar em uma aldeia que, á vaga luz do crepusculo, via alvejar no cimo de uma collina plantada de castanheiros e nogueiras.

No extremo do sombrio nogueiral elevava-se a torre da egreja parochial da aldeia.

Entrando n'esta ultima, soou o toque da oração vespertina, e aldeãs e aldeãos guardaram silencio, descobrindo a cabeça os segundos, e persignando-se e rezando por instantes todos.

Até se calaram as raparigas que, com seu cantaro na cabeça, vinham cantando da fonte do castanhal immediato. O sino que toca á oração é Deus que falla ás pessoas crentes e boas, e só Deus póde fazer interromper ás raparigas biscaynhas a cantiga começada.

Depois de parar, descobrir-me e rezar como os aldeãos, porque é de notar que vinte annos de residencia longe d'esta nobre terra, que deixei ainda menino, não bastaram para fazer perder a educação primitiva; depois de imitar os aldeãos, segui pelo nogueiral, saudado affectuosamente por quantas pessoas encontrava no caminho.

Perguntei, em fim, se na aldeia havia estalagem onde podesse passar a noite, e responderam-me negativamente; mas não tive tempo para me desgostar com tal resposta, porque todos os visinhos da aldeia se apressaram em offerecer-me com entranhavel e respeitosa solicitude um logar em sua casa.

Entre os que este offerecimento me faziam figurava

um gentil mancebo, a quem os seus convisinhos chamavam o Morgado. Vestia menos modestamente que os seus convisinhos; mas o seu trajo era caracteristico do paiz, com a differença de que o Morgado, em vez de levar barrete azul, ou branco, ou encarnado, trazia-o de côr escura, e em vez de levar no collo uma especie de mantinha de côr clara, sujeita por um annel, ou de não levar nada, trazia mantinha preta, como signal de lucto.

— Tenho direito, me disse aquelle mancebo, a pedir a v. que prefira a minha casa á de meus visinhos, que, se tem tão boa vontade como eu, tem menos commodos para offerecer a v.

— Isso é verdade, responderam todos os visinhos, e desistiram de suas instancias.

Acceitei, pois, a hospitalidade que me offereceu Miguel, o Morgado.

A casa d'este era, com effeito, incomparavelmente a maior e melhor da aldeia. Levantava-se a um extremo do nogueiral, na parte opposta da egreja. Tres de seus lados davam para uma quinta orlada de parreiral, que pela parte exterior se apoiava no muro, e cruzavam-n'a em todas as direcções ruas de frondosas arvores, muitas d'ellas então carregadas de fruta. A fachada principal, que era a que dava para o arvoredo, tinha sobre a porta uma espaçosa janella, sombreada por duas grandes parreiras, e sobre a janella havia um escudo de pedra, que n'aquella epocha estava velado por um crepe negro, signal de lucto na familia que habitava a casa.

Apenas entrei n'esta, toda a familia veiu comprimentar-me, trajando tambem lucto rigoroso.

Compunha-se a familia do Morgado, que parecia ter vinte e cinco annos, de outro mancebo de vinte e dois, de uma menina de dezoito, de um moço de quinze, e de outra menina de doze.

Eram todos irmãos, e todos robustos e formosos; via-se alli em toda a sua pureza o bello e gentil typo vasconço, de nariz aquilino, olhar doce e intelligente, fronte ampla, rosto oval e algum tanto deprimido pelo extremo inferior, tez rosada, estatura elevada e membros verdadeiramente athleticos.

Uma estranha sombra de tristeza parecia dominar a alma d'aquelles jovens, desde a menina de doze annos até ao moço de vinte e cinco.

O lucto que todos vestiam por sua mãe explicava-me em parte aquella tristeza; havia, porém, alli outra coisa que chamava a minha attenção, e eu não acertava em explical-a; era a dor, não ruidosa e impaciente, senão a dor profunda, mas resignada, infinita, mas tranquilla, que revelava no rosto, nas acções e nas palavras a menina de dezoito annos, que, como se houvera nascido predestinada para a dor e para a angustia, tinha o melancolico e suavissimo nome de Soledade.

Disse que só em parte explicava a dor d'aquella familia por causa da perda de sua mãe, e direi por quê: choram a mãe querida até os que tem o coração mais duro; mas, se é eterna a saudade, não é de certo o pranto que por ella se derrama.

Julgo por mim os demais: creio que minha mãe falleceu em graça de Deus, e pagou á natureza o tributo que todos havemos de pagar. Por isso creio tambem duas coisas que me enchem de resignação e conforto: que minha mãe me vê ainda, e que hei de tornar a vêl-a.

Crêem isto as pessoas christãs e honradas, e, crendo-o, encontram assim resignação e conforto para a sua orphandade.

Honrados e crentes eram o Morgado e seus irmãos... Não, não: a sua dor, e particularmente a da pobre Soledade, não podia ter por causa unica a perda de uma boa e querida mãe que morrêra em graça de Deus.

II

Acceitando a hospitalidade que me offereciam os moradores da casa grande, que assim chamavam na aldeia á casa do Morgado, pensava que poderia continuar o meu caminho no dia seguinte; mas taes instancias me fez aquella familia para que permanecesse alli mais tempo, taes foram as sympathias que me mereciam todos os habitantes da aldeia, e por tal modo me agradava a residencia alli, que oito dias depois da minha chegada ainda occupava o logar que preferira junto ao lar do Morgado.

Outra das coisas que chamavam muito a minha attenção era o terno e profundo carinho, e a estranha delicadeza que prodigalisavam a Soledade todos os seus irmãos. Era para mim um espectaculo que me commovia e consolava o que offereciam continuamente aquelles robustos mancebos, convertendo-se, digamol-o assim, em crianças ante a dor de sua irmã.

Póde ver-se sem estranheza os homens naturalmente fracos e angustiosos contemporisar com a fraqueza e a dor, porque esse espectaculo não é mais que o cumprimento da lei da affinidade; mas quem vê com olhos enxutos o homem physica e moralmente forte, viril, rude, inquebrantavel como as rocas que cercam o valle onde estou escrevendo, identificar-se com a fraqueza e a dor para amparal-a e consolal-a?

Sirva de exemplo para comprehender até que ponto se verificava isto em casa do Morgado, o que presenciei e ouvi uma noite.

O dia correra formosissimo.

O Morgado e seus dois irmãos haviam-n'o passado trabalhando grosseiramente nas herdades com os seus criados e alguns operarios, e eu discorrendo pelas montanhas com a espingarda ao hombro, o cachimbo na bocca e o oculo ao lado.

Depois de soarem as Ave-Marias no sino da egreja da aldeia, dirigimo-nos todos á casa grande.

Amos, criados, operarios e hospede, todos ceiámos juntos, sem nos esquecermos, já se sabe, de despejar um enorme cangirão de fresco e saboroso vinho que o Morgado trouxera da adega.

Depois de dar graças a Deus pelo sustento com que nos favorecêra, santo costume que eu praticava n'este paiz quando moço, e que ao voltar, passados mais de vinte annos, não encontrei alterado, apesar de tantas e tantas coisas que passaram, e tantos e tantos costumes que se alteraram n'esse longo periodo; depois de dar graças a Deus, repito, o Morgado e seus irmãos fallaram de livros, a proposito da minha profissão, que invejavam, ignorando os desgostos que a acompanham quando é exercida honrada e dignamente. Elles não entendiam de livros; mas o seu nobre e delicado instincto lhes fazia adivinhar que os livros são o sacrario onde se guarda a flor da sabedoria e da belleza moral, ainda que ás vezes tal sacrario é profanado pela ignorancia e pelas más paixões.

— Deve ter muitos livros! exclamou o Morgado.

— Não tenho muitos, lhe respondi, porque sou pobre para os comprar; porém os que tenho são bons.

— Que horas tão divertidas passará v. a lel-os!

— As melhores da minha vida. E vv. não sabem ler?

— Faça conta que não, porque, como nós apenas damos sentido á leitura, e logo os quatro livros que ha em casa os sabemos de cór...

— Que livros tem?

— Eu lhe digo: tres ou quatro vidas de santos, *D. Quixote*, os *Foros de Biscaya* e a *Cantabria vingada*. São poucos: mas dizia o defuncto meu avô que melhores não se tinham composto em Hespanha.

Não me sorri em attenção aos *Foros de Biscaya*, ao *D. Quixote* e á *Cantabria vingada*.

— Nós, continuou o Morgado, não damos sentido

á leitura, embora esteja em letras de imprensa, porém ficámos bobos quando Soledade lê.

Soledade córou com este elogio.

— Desde que seu avô ou seu bisavô comprou esses livros compozeram-se outros muito bons, e é pena que não tenham nenhum d'elles.

— Se v. trouxesse por ahi alguma obra d'essas que julga boas, veria como ella a leria bem para a ouvirmos.

— Trago alguns livros bons, e desejo que os acceitem para os conservarem ao lado do de *D. Quixote de la Mancha*, pois de certo não se ha de incommodar por isso o cura de marranos.

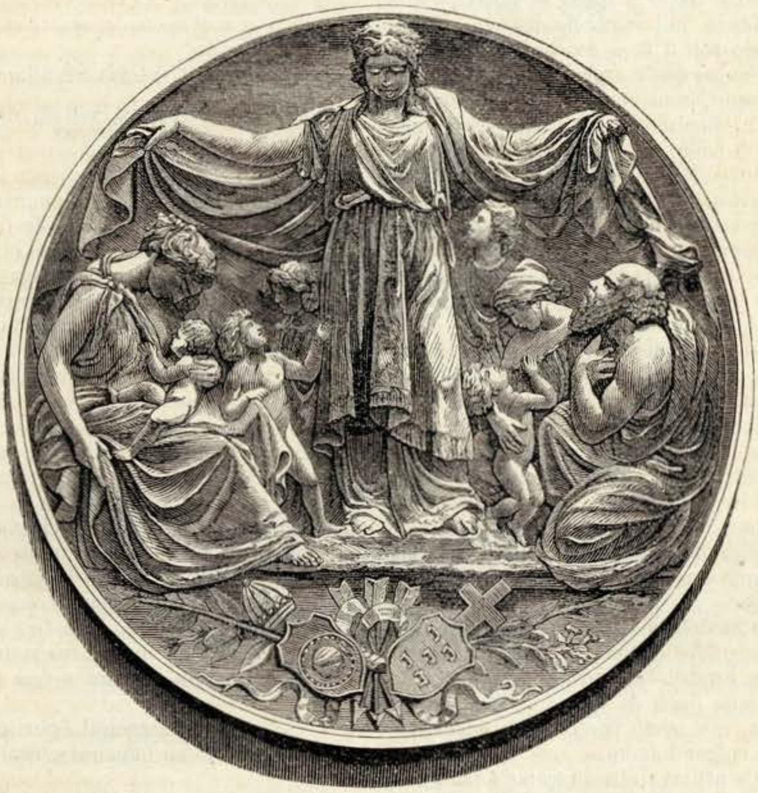
— Acceitâmos de todo o coração o seu offerecimento! exclamou o Morgado apertando-me affectuosamente a mão.

Levava na minha mála de viagem a edição completa das obras de Fernão Caballero, e a entreguei áquella bonissima familia, gozando já com os nobres sentimentos e o purissimo prazer que alli, como em toda a parte, haviam de produzir as creações do grande escriptor popular da Hespanha.

O Morgado, cheio de alegria, pediu carinhosamente a Soledade que lesse em voz alta algum d'aquelles livros.

Soledade, cuja tristeza se adivinhava ainda através do sorriso, sorriu com uma especie de gratidão, e apressou-se em comprazer a seu irmão, ou antes em comprazer-nos a todos, porque todos os presentes juntámos o nosso rogo ao de Miguel.

(Continúa)



Baixo relevo do frontão do hospital da misericordia, no Rio de Janeiro

Reinando no Brasil o imperador D. Pedro I, tratou a confraria de Nossa Senhora da Misericordia, do Rio de Janeiro, de fundar um novo edificio para séde do seu caridoso instituto. Quizeram os fundadores, e com razão, que elle tivesse a grandeza e accommodações proprias do primeiro estabelecimento pio de uma cidade que o destino fizera capital de um imperio vastissimo, e á qual diversas condições naturaes promettem um futuro de prosperidade e rapido engrandecimento. Traçou-se a obra de accordo com esse pensamento elevado: mas não tardaram a surgir as difficuldades que embaraçam communmente ao nascer todas as emprezas grandiosas. Graças, porém, ao zelo e energia de um homem, cujo merecimento e serviços ao Brasil o tinham collocado em alto logar, foram vencidas as difficuldades e a obra posta a bom caminho. Esse homem benemerito da sua patria adoptiva foi José Clemente Pereira, nascido em Portugal, mas ligado por diversos vinculos, em que entravam os da gratidão, ao novo imperio, onde então era ministro de estado, gerindo a pasta do interior.

Progredindo os trabalhos da construcção, ora com actividade, ora lentamente, segundo os meios que se lhes podiam applicar, consumiram-se longos annos até que chegasse ao ponto, em que hoje se acha, de quasi total acabamento. Para este resultado tem contribuido poderosamente a intelligente e zelosa direcção do architecto actual, o sr. Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, distincto nas letras e nas artes.

O edificio do hospital da misericordia é vasto e está construido com a necessaria solidez. Adorna-lhe a fachada principal um elegante portico de ordem dorica, decorado por duas ordens de columnas sobrepostas, e coroado por um frontão em que se hão de admirar mui bellas esculpturas. É d'esta obra de arte, que se está executando em Lisboa, que nos vamos occupar mais particularmente.

Compõe-se o tympano do frontão de tres baixos relevos. O do centro é uma grande medalha, de que é cópia a nossa gravura. N'este medalhão está figurada a Misericordia Divina, na fórma por que se vê representada, com alguma modificação, Nossa Senhora da Misericordia nos paineis das nossas egrejas da misericordia, e no baixo relevo em pedra que em 1813 foi tirado de cima da porta da egreja da Conceição Velha, com o pretexto de dar mais luz ao templo,

e que ao presente se acha na sacristia. Como mĩudamente expozemos e demonstrámos a pag. 225 do vol. IV, por occasião de publicarmos a gravura do dito baixo relevo, o portal da egreja da Conceição Velha era, antes do terremoto de 1755, a porta travéssa do magnifico templo, *fundado desde os alicerces* por el-rei D. Manuel para servir de séde á confraria de Nossa Senhora da Misericordia, instituida por sua irmã, a rainha D. Leonor, viuva del-rei D. João, em uma capella do claustro da sé de Lisboa, instituição irrecusavelmente a mais philosophica e civilisadora, a mais humanitaria e christã de todas as que os homens tem creado.

A Misericordia Divina está, pois, representada no referido medalhão como a santa e carinhosa Mãe de todos os infelizes. Seus braços e manto levantados offerecem protecção e asylo a todas as miserias que affligem a humanidade, alli symbolisadas em um pobre velho, vergando sob o peso dos annos e das enfermidades; em crianças que a orphandade deixou desamparadas no mundo, sem cuidados e carinhos que por ellas velem; e, finalmente, em uma triste mãe que aperta contra o peito, com entranhavel affecto, o tenro filhinho, que se vê obrigada a abandonar por mal poder alimental-o. Na parte inferior vêem-se dois escudos, um repoisando sobre a cruz, e tendo esculpidas as cinco chagas; o outro mostrando o brazão d'armas do Brasil. Ornam os lados dos dois escudos as plantas do café e do tabaco, valiosos elementos da riqueza d'aquelle imperio.

Os dois baixos relevos lateraes, que devem completar as esculpturas do frontão, representam emblemas allusivos á religião e á medicina. Assim figuram, de uma parte, entrelaçados com ramagem, o calice eucharistico, a cruz, o baculo, o livro dos evangelhos e a estola; e de outra parte, engrinaldados com plantas medicinaes, o livro da sciencia, a caveira e a ampulheta, significando o estudo e o tempo; a cobra e o espelho, symbolisando a saude e a verdade. Uma graciosa molduragem ha de cercar, como caixilho, os tres baixos relevos.

Foi inventada e modelada em gesso toda esta obra esculptural pelo sr. Luiz Giudici, distincto esculptor genovez, ha annos estabelecido no Rio de Janeiro. As difficuldades com que tinha de luctar na composição dos baixos relevos, e o modo por que as venceu, attestam o seu não vulgar talento.

O assumpto que o artista tinha de tratar é tão grandioso pela elevação da idéa consubstanciada no instituto da misericordia, e, além de grandioso, é tão vasto pelas variadas necessidades humanas a que o mesmo instituto attende e acode, que não era sobejo campo todo o tympano do frontão para n'elle personificar aquella idéa em toda a sua alteza, e estas necessidades em toda a sua genuina expressão. Porém, a par da difficuldade do assumpto, levantava-se outra ainda maior para o artista, qual era a de sujeitar a sua imaginação a determinados limites economicos.

O sr. Giudici resolveu satisfactoriamente o problema, dividindo em tres partes a obra esculptural, limitando á do centro a representação mais dispendiosa do quadro allegorico, e, em fim, dando n'este vulto e expressão a algumas das principaes idéas associadas á palavra Misericordia Divina, e á sublime instituição concebida por fr. Miguel de Contreiras, o virtuoso e illustrado confessor da rainha D. Leonor.

Se a composição geral d'esta obra de arte faz honra ao artista como desenhador imaginoso e intelligente, a execução não menos o acredita na qualidade de eximio esculptor. Tanto nas figuras como nos diversos emblemas e ornatos, encontram-se correcção de desenho, nobreza e elegancia de fórmas, graça e expressão, propriedade e delicadéza.

Estas esculpturas estão-se executando em pedra lioz de Pero Pinheiro, e sob a direcção do sr. Giudici, em Lisboa, na officina do sr. Thomaz dos Santos, na rua do Ferregial de Cima, n.° 20. Acha-se já concluido um dos baixos relevos lateraes, e quasi acabado o outro. No medalhão trabalha-se com a possivel actividade. A execução no marmore vae com tal perfeição, que honra sobremaneira os nossos artistas e a officina onde trabalham.

O sr. Giudici conduzirá os baixos relevos para o Rio de Janeiro, e ahi concluirá o que resta para fazer.

Assim, dentro de breve tempo ficará completo o esplendido edificio da santa casa da misericordia do Rio de Janeiro, e esta cidade possuirá um estabelecimento pio que poderia figurar decorosamente em qualquer das maiores capitaes da Europa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FACTOS DO SECULO XV

(Conclusão. Vid. pag. 178)

IV

Antes de apresentarmos alguns dos trabalhos que correm sob o nome do duque de Coimbra, relanceemos o olhar pelo periodo da nossa iniciação e formação litteraria. Poderemos assim melhor, conhecendo a indole e estructura das primeiras trovas, avaliar o que houve de progresso ou de evolução sensivel nas que pertencem ao seculo XV. A poesia portugueza começou com a monarchia [1]; as canções de Gonçalo Hermigues e depois as de Egas Moniz são, ao que parece, as mais antigas composições poeticas da lingua. Garrett differe n'este ponto [2]; diz elle que as trovas de Figueiredo, apesar do tão suspeito testimunho de fr. Bernardo de Brito [3], são, em sua convicção intima, o mais remoto documento que chegou até nós.

Cotejando o romance attribuido a Guesto Ansures, que viveu no tempo del-rei Mauregato, com as coplas de Gonçalo Hermigues, por exemplo, nota-se n'estas uma tal rudeza, uma tão grosseira imperfeição na fórma, uma algaravia de tal modo inintelligivel, que, sem receio, nos inclinâmos a crer que o romance:

«No figueiral figueiredo
E no figueiral entrei»,

é, pelo menos, um seculo posterior ao de Hermigues, que principia:

«Tinhera-bos, nom tinhera-bos
Tal a tal cá assoma.»

Faria e Sousa, que traz estes ultimos versos, confessa que, não obstante comprehender algumas palavras, não póde formar com ellas sentido completo e perfeito [4]. Não succede assim com os de Ansures. A versificação é em extremo mais culta, e ha mesmo trechos não isentos de elegancia e de suave harmonia. Seja o que for, o que para todos é fóra de dúvida é que os primeiros lampejos de inspiração poetica apparecem em Portugal apenas elle se constitue independente.

Estas reliquias, todavia, pertencem mais á philologia do que á historia da litteratura; ha mais para observar n'ellas o andamento progressivo da lingua do que as efflorescencias do espirito. No seculo XIII apparece D. Diniz, e a litteratura recebe da sua mão um impulso notavel. Uma coisa tem causado o reparo dos criticos, e é que n'essa epocha, e nas subsequentes,

1 *Simonde de Sismondi*, tomo IV, pag. 272.
2 Garrett — *Adozinda*, introd., pag. 11.
3 *Monarch. Lusit*, tomo VII, pag. 119.
4 *Europa Port.*, tomo III, pag. 379.

portanto, os chamados metros toscanos abundam nos cancioneiros, sem que para isso fosse necessario que Boscan os houvesse introduzido na peninsula. Os toscanos, segundo hoje está averiguado [1], houveram os metros hendecasyllabos dos mesmos de quem nós os houvemos, dos trovadores.

Depois de D. Diniz a poesia segue representada pelo conde de Barcellos, de quem temos um *Cancioneiro;* por D. Affonso IV, do qual existe um soneto endereçado a Vasco de Lobeira; por D. Affonso Sanches; e, finalmente, por D. Pedro I, citado por Diogo Barbosa Machado, e pelo proprio Balbi na sua *Statistique du Portugal.*

São estes os primeiros vagidos da musa nacional, vagidos onde já se manifestam as tendencias para cantos de largo folego, mas que ainda tem a timidez e por vezes a dissonancia de todas as tentativas. O seculo XV é aquelle em que os embryões da litteratura se desenvolvem, e em que a arte assome proporções regulares e definidas. O espirito portuguez havia-se dilatado, e, abrindo as azas vigorosas, cortava espaços novos e subia a maiores alturas. O caracter do povo ia perdendo a sua agrura primitiva; o sentimento cavalleiroso, dulcificado pelo amor, dava ás manifestações da arte um colorido de enthusiasmo romanesco.

O mestre de Aviz fôra elevado ao throno, e com elle irrompêra essa actividade fecunda que, ampliando o territorio, deu ao coração paixões mais nobres e á phantasia quadros mais apraziveis. Era o tempo da ala dos namorados. —Amores, amores!— era o grito de guerra d'esses cavalleiros primorosos. —Amores de minha mulher!— diziam alguns casados, carregando alegremente sobre os inimigos. O anjo da poesia adejava sobre os campos esmaltados, e sorria aos cavalleiros da cruz, que hoje arvoravam o seu pendão em Aljubarrota, e que d'ahi a pouco o iriam hastear sobre as ameias derrocadas de Fez e de Arzilla. A inspiração é a luz, e como luz sae sempre d'estes enormes combates, d'estas luctas giganteas, d'estas aventuras perigosas. Com a lança em riste e o escudo embraçado, escreviam elles nos muros dos baluartes a formidavel epopéa da guerra; depois, sentados ao pé das damas, improvisavam o romance do amor.

«Vinham d'Africa os seus galans, honrados
Co'as airosas feridas no semblante,
Tintos em mouro sangue, as mãos beijar-lhes,
As mãos tam merecidas [2].»

N'estas breves linhas, traçadas a respeito da primeira epocha da nossa poesia, não tivemos o intuito de esclarecer ou explicar qualquer ponto obscuro da nossa historia litteraria; quizemos tão sómente marcar um ponto de partida, e d'ahi, fazendo derrota, sem nos demorarmos na contemplação d'esta ou d'aquella riba mais florida, chegarmos ao termo da nossa viagem, que é o infante D. Pedro. Por isso nem de leve tocámos na historia dos nossos cancioneiros, historia um pouco confusa, e a respeito da qual nem sempre são contestes as opiniões dos escriptores. Os que sabem d'estas materias e se dão a investigações bibliographicas não carecem de que lhes mostremos o rumo; para os demais a digressão não passaria de prolixa e fastidiosa. Basta que depois d'estas palavras preliminares, com que entendemos dever preceder as opiniões que as trovas do infante D. Pedro nos suggeriram, rematemos com ellas a biographia d'este principe.

Essas trovas formaram o segundo livro que se imprimiu em Portugal [3]; e d'ellas cita fr. Bernardo de Brito algumas coplas, e outras se conservam no *Cancioneiro* de Rezende. N'ellas se encontra apuro de linguagem, mimo em algumas idéas, e até mesmo um certo desejo, ainda que nem sempre satisfeito, de correcção na fórma. Como é sabido, não é raro desde essa epocha em diante encontrarmos alguns sonetos com o sabor italiano [1]; o infante D. Pedro foi um dos que se deram a imitar Petrarcha, e d'essas imitações resta-nos um soneto que principia:

«Vinha amor pelos campos trebelhando»,

soneto de tal modo gracioso e facil no dizer, e denotando um conhecimento já tão adiantado dos segredos da arte, que os editores dos poemas de Antonio Ferreira não duvidaram inseril-o na collecção d'este nosso poeta classico [2].

As trovas dirigidas a João de Mena, que n'esse tempo era olhado pelo mais preclaro versejador de Castella, antes de honrarem o poeta honram o principe, que não duvidava, por amor do talento, pôr-se ao livel dos seus inferiores em gerarchia. Quando em tempos posteriores, e bem posteriores, digamol-o sempre, assistimos ao espectaculo nojoso, em que poetas (e alguns de polpa) queimam o incenso podre da adulação em honra da fidalguia tartamuda, consola ver um principe de sangue real fallar mão por mão com o auctor do *Labyrintho* e pagar-lhe tributo de reverencia.

«Como terra fructuosa
João de Mena respondestes,
Com messe mui abastosa
De fructos, que recebestes;
Mas em esto vos errastes
Louvor mais de merecido,
Mas por mi he recebido
Que, louvando, me ensinastes.»

Ninguem dirá que estes versos carecem de elegancia; ha mesmo n'elles uma certa feição de galanteria e o donaire particular de um homem de qualidade. João de Mena, remettendo-lhe a cópia dos seus poemas, acompanhava-a de alguns versos, naturalmente amaveis, e o infante respondia ao brinde com a urbanidade graciosa de um cavalleiro.

Quanto a metrificação e harmonia, se me não engana o ouvido, estou em que o seculo XIX tem laureado muito filho das musas que daria o melhor da sua vida para versificar como o heroe das *sete partidas.*

O infante D. Pedro escreveu tambem versos em hespanhol, os quaes formam uma especie de poema moral em estancias de arte maior [3]. Tirando ao acaso um trecho d'esse poema, em que elle falla do mundo como experimentado, damos com esta descripção da fortuna, que nos parece caracteristica:

«La ley, que posseye es ley inconstante,
Que buelve, y rebuelve su exe a menudo;
Y al bueno hace ser mucho mal andante,
Y prospero hace al torpe, y al rudo.
Portanto, oh gente mundana, no dudo
Que yerro vos toma, attrae, e convoca
A seguir su moto veloce, y mal cudo
De aquella señora, no cuerda, mas loca.»

Estes versos, escriptos por um principe no meio do lustre e das grandezas da corte, se não respiram um vago presentimento do desenlace que o aguardava, significam, de certo, que elle sabía estremar e conhecer as pedras de valor subido que muitas vezes se deixam perder nos esterquilinios.

[1] Garrett — *Cancioneiro,* tomo I, pag. 194 e 195.
[2] Filinto Elysio — *Versos,* tomo II, pag. 55.—Mariz, pag. 510.
[3] Costa e Silva — *Ensaio biographico,* etc., tomo I, pag. 33 e 86.

[1] *Simonde de Sismondi,* tomo IV, pag. 273.
[2] Costa e Silva — Cit., tomo I, pag. 95.
[3] Costa e Silva — Cit., tomo I, pag. 91.

Os versos que deixâmos citados testificam o pendor do infante para a poesia, e bastam a dar uma idéa do seu engenho. Depois d'elle as lyras portuguezas hão de soar mais concertadas e musicas; as endechas de Macias hão de afinar o canto de Bernardim Ribeiro, e por entre as margens dos rios e por entre a ramaria dos bosques as eglogas e os vilancetes acordarão docemente os echos adormecidos.

Entrar-se-ha no grande cyclo em que a poesia portugueza apostará galas e primores com a das nações mais illustres; erigir-se-ha esse padrão glorioso da litteratura do seculo XVI, padrão que se firma nos hombros robustos do auctor dos *Estrangeiros* e nos do tragico de *Ignez de Castro*, e que tem por coroa o livro de oiro, a biblia nacional, o poema de todos os tempos. Este caminhar foi inevitavel. Considerando os trabalhos poeticos do infante D. Pedro, achâmos n'elles o merito compativel com o seculo e com as circunstancias; se as suas trovas não acceleraram o movimento ascensional da nossa poesia, conservaram esta em condições favoraveis para o largo passo que annos depois tinha de dar.

D. Pedro fecha, por assim dizer, o primeiro periodo, e entre os nossos trovadores tem o logar que por direito lhe compete. Quando alguem escrever um dia a historia da nossa litteratura, não poderá ficar esquecido o nome do duque de Coimbra.

E. A. VIDAL.

A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA PORTUGUEZA EM PARIS

III

Do pulpito que existe na egreja de Santa Cruz da cidade de Coimbra, e do qual a associação dos architectos civis portuguezes mandou um modelo em gesso para figurar na exposição universal de Paris de 1867.

> A esculptura é a arte que, por meio do desenho e da materia solida, imita com o cinzel os objectos palpaveis da natureza.
>
> *Falconnet.*

Os reis de Portugal faziam tão grande estimação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (que fôra fundado em 1130) pelo seu prestimo, que apenas houve algum que lhe não fizesse doações, e o honrasse com singulares privilegios e mostras de amizade e veneração. El-rei D. Manuel, sabendo que pela morte do priormór, D. João de Noronha, o cardeal Nepota impetrára de Roma, estando no solio pontificio o papa Julio II, a encommenda do mosteiro de Santa Cruz, usou de uma bem pensada traça para que o referido cardeal não desfructasse as rendas do dito priorado: e foi mandar demolir a egreja e mosteiro antigo, para reedificar outro novo, sequestrando os rendimentos do priorado para aquellas obras; e logo escreveu ao summo pontifice Julio II, que pela egreja e mosteiro de Santa Cruz estarem ameaçando total ruina, por sua muita vetustidade, os mandára demolir e reedificar de novo; e que para isso sequestrára as rendas do priorado; que pedia a sua santidade o houvesse assim por bem; e ao mesmo tempo escreveu el-rei outra carta ao cardeal D. Jorge da Costa [1] para tratar este negocio, e alcançar do papa o poder apresentar o priorado de Santa Cruz em sua vida como padroeiro. Conseguiu o cardeal o que el-rei D. Manuel desejava, e logo apresentou em D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, o priorado-mór; e elle, com todo o empenho, fervor e zelo, continuou a obra da referida egreja e mosteiro.

El-rei ordenou que o côro de cima não tivesse mais que 72 cadeiras, para não ser maior o numero de conegos regrantes de Santo Agostinho do que foram os discipulos de Christo; e para mais auctorisar os conegos mandou que todos se intitulassem capellães del-rei; e que, fallecendo algum dos 72, se não admittisse outro em seu logar sem licença e alvará real [1].

Todos os ramos da plastica, quando soou a hora do renascimento, no principio do seculo XVI, tudo se achava prèviamente preparado para a revelação da arte moderna. Para a reedificação do templo e mosteiro de Santa Cruz, el-rei D. Manuel chamou de França os artistas seguintes: Jacques Longuin, Filippe Uduarte, ou Edouard, Nicolas e Jean de Rouan. O conde de Raczynski, Athanasio, na sua obra *Les arts en Portugal*, assim o diz a pag. 331; e no seu *Dictionnaire historico-artistique*, pag. 174, 206 e 289. Como egualmente a pag. 252 do citado *Dictionnaire* refere o seguinte:

«Le patriarche, dans sa *Liste des artistes* [2], pag. 10, en s'appuyant sur la description du monastère de Sainte-Croix à Coimbre, écrite à Saint Vicent de Lisbonne par le prieur D. François en 1546, l'appelle *João de Ruam;* il attribue les retables très delicats en pierre de cette église «à lui et à d'autres grands artistes.» Il pourrait bien se faire que la magnifique chaire de cette église fut son ouvrage.»

E a pag. 43 tambem diz o seguinte:

«Un ordre du roi adresse à Nicolas Leitão, de prelever sur les revenus du monastère de Sainte-Croix, et de payer à Castillo (Jacques de) et à maître Nicolas cent cruzades d'or, pour prix des statues qui manquaient à la parte de l'église du même monastère.»

O desenho do pulpito é assaz correcto, contendo em si desgarros de uma architectura liberta e symbolica [3]. Sobre o nicho do doutor da egreja, S. Jeronymo, a quem el-rei D. Manuel tinha singular devoção, se observa uma esphera armillar com a cruz da ordem de Christo, que era a empreza ou divisa do referido rei, sustentada por dois genios. É isto a prova mais positiva (quando não houvesse outra) de que este magnifico pulpito foi executado no seu reinado. O estilo é o manuelino, e não o chamado impropriamente gothico,

> «Que por esta ou por outra qualquer via
> Não perderá seu preço e sua valia.»
>
> Camões, canto V, est. 100.

ABBADE DE CASTRO.

Corria pelo campo o principe de Fez em um branco e generoso cavallo jaezado de preciosos arreios; brilhavam com o sol as ricas pedras de sua pompa, como com o valor seus bellos olhos; o manto de purpura que o adornava, o vistoso turbante cheio de joias e plumas, e a espada guarnecida de oiro e diamantes, o distinguiam e acreditavam. Disparava-se o cavallo, negando as pégadas á campina; espalhava-se a encaracolada clina, imitando as trémulas escumas em tormentas nevadas; formavam as plumas do turbante remoinho de varias côres, e agitada com o vento se encrespava tumultuosa a purpura; mas como a flor temporã morre e acaba aos rigores do norte, assim ao furor de um volante dardo morreu toda aquella florida gentileza.

FRANCISCO BOTELHO.

---

[1] Que era natural da villa de Alpedrinha, bispo de Evora, depois arcebispo de Lisboa e cardeal, fallecido em Roma a 19 de setembro de 1508, com 102 annos de edade. Jaz na egreja de Nossa Senhora do Populo, em um nobilissimo deposito. Na sala da camara ecclesiastica, no edificio de S. Vicente de Fóra, está um quadro pintado a oleo, representando o cardeal D. Jorge da Costa encostado a um bofete, em que tem um livro aberto, onde se vê a estampa do paralytico com a cama ás costas, a quem Christo disse: *Tolle grabatum tuum;* e allude á fugida occulta que o cardeal arcebispo fez para Roma, por contradicções que teve com o principe D. João, que succedeu no reinado a el-rei D. Affonso V. Em cima do bofete se observa um globo, onde se divisa uma roda de navalhas, em lembrança do que devia á infanta D. Catharina, empreza de que sempre usou. As suas armas proprias estão em um supposto retrato do mesmo cardeal, expressadas na moldura no canto do painel. Este quadro foi restaurado pelo nosso insigne Francisco Vieira, Lusitano.

[1] Constava isto de uma memoria que esteve no cartorio de Santa Cruz até ao anno de 1834, em que foram supprimidos os mosteiros, etc.

[2] Veja-se *Lista de alguns artistas*, etc., por D. Fr. Francisco de S. Luiz, patriarcha de Lisboa.

[3] Veja-se a estampa XV do *Archivo de architectura civil*, jornal da associação dos architectos portuguezes, n.º 8, Lisboa, 1866. Ha tambem uma bellissima photographia d'este pulpito, tirada pelo sr. Guimarães, mui perito photographo.